

## DESCRIÇÃO E FUNCIONALIDADE: O CASO DO GÊNERO TEXTUAL INSTRUCIONAL

Onireves Monteiro de Castro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Objetivamos dar a conhecer os aspectos descritivos e funcionais dos gêneros textuais, especialmente, os de caráter instrucional, nos moldes da tradição discursiva. O texto não é um amontoado de frases, uma enunciação, um enunciado primário ou secundário, um ato verbal da oralidade ou da escrita, um tipo relativamente estável, mas a percepção de que se manifesta em termos históricos, materializando-se em gêneros e tipos peculiares. O estudo dos gêneros textuais é marcado por um grau singular de interdisciplinaridade. Há, por sua vez, certa imprecisão terminológica ao se adotar os termos tipos e gêneros. A diversidade terminológica sobre texto implica observar a orientação teórica especificada. Assim, os que seguem Bakhtin (1992), empregam o termo gêneros do discurso – para outros, correspondem aos gêneros textuais (BRONCKART, 1999; DOLZ, 1996; MARCUSCHI, 2002; SCHNEUWLY, 1994). Um arcabouço de textos que compõe o corpus para o trabalho de análise contempla aqueles que são típicos exemplares de campanhas educativas, propagandas políticas, sociais e econômicas veiculadas no Brasil em finais do século passado. Tais textos constituem o que se considerou chamar, convencionalmente, de tradições textuais historicamente construídas. Tomando como referência os postulados fundamentais da Tradição Discursiva, o enfoque textual-discursivo para a discussão, principia uma busca de ancoragem nas considerações de Eugenio Coseriu (1980), para quem os níveis de falar implicam atividades lingüísticas, i) do falar em geral: nível comum aos humanos e que, ao mesmo tempo, faz distinções entre o que é da ordem universal ou geral; ii) o histórico das línguas, que se determinam historicamente estabelecidas e, por fim, iii) o nível textual, ou dos discursos que se manifestam efetivamente. Das inferências possíveis a partir do trabalho reflexivo de um autor (possível) e a recepção (ou leitor potencial) do discurso em dados, ideias, sentidos manifestados nos textos, a Tradição Discursiva surge como um modo de se proceder à análise a partir do observável e permissível em termos dos processos sociais e políticos determinados ao longo da história, as tendências adotadas para a veiculação de um determinado gênero. Assim, os discursos (e seus componentes textuais) seguem sempre um padrão determinado pela sua tradição discursiva e, ao tempo, circulam seguindo a determinadas propriedades, interesses e finalidades. De certo, são produtos de uma série de interações determinadas (e autorizadas) por uma época da história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero textual instrucional; Tradição Discursiva; Construção de sentido.

---

<sup>1</sup> Doutor em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: oni1010@terra.com.br

**RESUMEN:** Nuestro objetivo es dar a conocer los aspectos descriptivos y funcionales de los géneros textuales, especialmente la instrucción naturaleza, a lo largo de las líneas de la tradición discursiva. El texto no es una mezcla de frases, una enunciación, una instrucción primaria o secundaria, un acto verbal de hablar o escribir, un tipo relativamente estable, pero la percepción que se manifiesta en términos históricos, materializándose en géneros y tipos peculiares. El estudio de los géneros textuales se caracteriza por un singular grado de interdisciplinariedad. A su vez, hay cierta imprecisión terminológica cuando se adopten los géneros y tipos de términos. Diversidad terminológica en texto implica observar la orientación teórica especificada. Por lo tanto, aquellos que siguen Bakhtin (1992), emplean los géneros del discurso de término-para otros, corresponden a los géneros de texto (BRONCKART, 1999; DOLZ, 1996; DEPENDE, 2002; SCHNEUWLY, 1994). Un marco de textos que constituyen el corpus para el trabajo de análisis incluye a aquellos que son típicos ejemplos de campañas educativas, difusión de anuncios políticos, sociales y económicos en Brasil a finales del siglo pasado. Esos textos se consideran las tradiciones textuales convencionalmente llamada históricamente construidas. Tomando como referencia los postulados fundamentales de la tradición discursiva, el textual enfoque discursivos para la discusión, principia ancla en busca de Eugenio Coseriu consideraciones (1980), para que los niveles de actividades lingüísticas implican hablar, yo) de hablar en General: nivel común a los seres humanos y que, al mismo tiempo, hace distinciones entre lo que es orden universal o general; II) la historia de idiomas, que determinan históricamente establecidas y, finalmente, iii) nivel textual o discursos que se manifiestan con eficacia. De posibles deducciones del trabajo reflexivo de un autor (posible) y recepción (o potencial) de datos de discurso, ideas, las indicaciones expresadas en los textos, la tradición discursiva emerge como una forma de revisión de los observables y permitido en términos de procesos sociales y políticos determinados a lo largo de la historia, tendencias adoptadas para la emisión de un género particular. Así, el discurso (y sus componentes textuales) siempre siguen un estándar determinado por su tradición discursiva y, al tiempo, circulan según ciertas propiedades, intereses y propósitos. En cierto sentido, son productos de una serie de interacciones ciertas (y autorizado) para un tiempo de la historia.

**PALABRAS CLAVES:** Texto informativo; Tradición discursiva; Construcción de sentido.

## 1. Considerações iniciais

O objetivo do presente texto é mostrar os aspectos constitutivos descritivos e funcionais do gênero textual instrucional, especialmente aqueles de uso cotidiano. A noção de gênero textual aqui empregada como sinônima de uma unidade de análise que perpassa um enunciado de ordem primária e/ou secundária e, assim, faz sentido para o processo de inferência a partir de seus princípios históricos e materializados em gêneros e tipos peculiares.

A nossa consideração sobre gênero e texto não é dispare em relação aos vários conceitos que se tem cristalizados na academia. No entanto, preferimos, ao menos em se tratando da noção de texto, não adotar uma perspectiva de vinculação com a idéia de frase, de enunciado pleno (primário ou secundário), oral ou escrito. O instrumento situacional, cremos, poderá nos autorizar a considerar, então, a noção de texto como um amalgamado de referências e representações dos sujeitos que os fazem funcional, dependendo do contexto essencial nos quais (uma forma ou outra) seja necessária para instruir a alguém, sobre determinado modo de ser, pensar, agir, dentre outros.

Importa igualmente considerar que o estudo dos gêneros textuais é marcado por graus de relevância e interdisciplinaridade, por vezes perceptíveis, por vezes subentendidas e mostradas no contexto. Há um grau de imprecisão, por assim dizer, em se tratando da terminologia ao ser adotada para nomear tipos e gêneros. Assim, o grupo de autores e estudiosos que tendem a seguir e adotar as ideias de Bakhtin (1992), parecem usar os termos gêneros do discurso, ao passo que uma série de outros estudiosos tendem a empregar a nomenclatura de gêneros textuais, a exemplo de Bronckart (1992), Schneuwly (1994), Dolz (1996), Marcuschi (2002), dentre outros (Cf. HENRIQUES, 2011).

Um arcabouço de três pequenos fragmentos de texto comporá o nosso percurso de observação para, a partir deles, dar a conhecer as nossas impressões sobre o gênero textual instrucional.

Os gêneros textuais aos quais nos referimos anteriormente não excluem outros que, mesmo não aparecendo de forma pontual, são facilmente inferidos pelo leitor, pois que compõem um acervo cultural de histórias, lendas, fábulas e outros mais, cristalizados em nossa memória cultural e histórica.

Os postulados teóricos com os quais iremos lidar para o processo de discussão ou, como costumeiramente se convencionou dizer, análise, inclui

fundamentos da Tradição Discursiva, sobretudo a partir das ideias de Eugênio Coseriu (1982), especialmente na distinção entre os níveis de falar como atividade lingüística. Isto equivale pensar a linguagem como em se tratando de: i) um falar em geral ou, o nível comum aos seres humanos e que distingue a ordem universal da geral; ii) um modo histórico que é inerente as línguas e que as denominam como sendo historicamente estabelecidas como tais e, finalmente, iii) o nível textual, ou dos discursos que se manifestam efetivamente (para e por determinados meios e fins).

Da inferência possível a partir do gênero textual instrucional é permitido dizer que existe (ou historicamente, existiu) um sujeito produtor (autor, organizador) e um receptor (leitor, usuário potencial) do discurso, correspondente em dado momento histórico. Assim, em se tratando de Tradição Discursiva, adotamos a sugestão segundo a qual a análise deve observar e considerar os processos sociais e políticos que integram o processo de construção de sentido desse ou daquele gênero textual, assim como as tendências pertinentes e autorizadas para um dado gênero.

## **2. Os gêneros textuais e sua diversidade**

Dar os determinantes funcionais de um gênero textual implica, antes, certa descrição de suas peculiaridades. Atualmente, não se constitui em tarefa muito simples, pois existem teorias divergentes sobre as noções de texto e, sobretudo, quanto ao conceito de gênero textual e/ou gênero discursivo.

De fato e para melhor situar os estudos sobre o gênero instrucional, ressaltamos a imponderável necessidade de incursão em práticas próprias (de base em nossas memórias) cotidianas, especialmente as de nossas representações sócio-antropológicas (e até filosóficas) no mundo pensado (Cf. GOFMMAN, 1979).

Segundo Henriques (2011, p. 11), “o usuário da língua, produtor ou consumidor de textos, tem maior ou menor capacidade ou sensibilidade para reconhecer textos”. Tais referências estão como que dependentes dos níveis de interação do leitor com o gênero com o qual interage, Existem, pois, elemento de ordem de memória inferencial para dar conta dos sentidos com os quais, supomos, o seu produtor original faz uso para causar determinado efeito ou sentido (nos leitores/usuários).

## 2.1 As noções de gênero

As noções de gênero serão dadas a conhecer tomando as ponderações já cristalizadas sobre o assunto a partir de Bakhtin (1992). Não será, no entanto a posição cabal, pois outras abordagens estarão sendo mostradas para melhor tratarmos os aspectos dos quais importamos considerar em termos do gênero instrucional.

Assim, podemos verificar que:

a) Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (1992), dedica uma parte significativa de seu texto para tratar do gênero do discurso e sua classificação e o tratamento do enunciado (unidade real) considerado como unidade de comunicação verbal. Para ele os gêneros são infinitos heterogêneos, tais quais as atividades humanas (Cf. LEITE, 2003).

Distingue gêneros primários (a fala) e secundários (escritos) e, oração como unidade da língua e enunciado como unidade de comunicação verbal.

b) Sob o ponto de vista da classificação tradicional *os gêneros* são tratados como fixos e imutáveis, considerados a partir de regularidades textuais de forma e conteúdos, classificados em categorias e mutuamente exclusivas (FREEDMAN e MEDWAY, 1994).

Os tipos textuais (Cf. ADAM, 1992), sob a perspectiva da retórica, são classificados em argumentação, descrição, narração, explicação e diálogo.

Essa abordagem propõe uma classificação tradicional e encontrada na literatura como gêneros épicos, líricos e dramáticos.

c) Em Swales (1990, p. 33) percebemos que a noção de gênero é usada para “referir-se a uma categoria de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Por sua vez, Marcuschi (2002) parece pensar a noção de gêneros como variedades (textuais) integrantes de diversas situações de comunicação e interação, considerando-se os usuários e a comunidade linguística.

Em Maingueneau (1991) os termos gênero discursivo e tipo textual podem ser considerados, do ponto de vista do analista, como objetos diferentes,

embora com certa dose composicional. Pode-se dizer que o discurso corresponde a um objeto vinculado às condições de produção dos enunciados.

Para o autor antes citado os gêneros são os suportes de formulação textual, tais como panfletos, manifestos, artigos. O importante é observar que os *autores* de tais suportes se manifestam a partir de um *lugar*, uma *posição* (enquanto participantes de uma *comunidade linguístico-cultural*) e por isso enunciam de um modo particular (mais ou menos ritualizado, repetido, por exemplo: ofícios em geral, receitas, manuais), seguindo mais ou menos traços históricos (*arquivos*, âncoras). Repetir é considerado um modo de sobrevivência (preservação) dos gêneros (MAINGUENEAU, op.ct. p. 20).

Assim, nos PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 53-52), considerando-se as práticas de escuta de textos orais e de Leitura de textos escritos e Produção de textos orais e escritos e, são sugeridos “alguns gêneros como referência básica a partir da qual o trabalho com os textos. unidade básica de ensino. precisará se organizar, projetando a seleção de conteúdos para a prática de análise linguística”.

## 2.2 O conceito de Tradições Discursivas

A recepção de um paradigma científico novo provoca entusiasmo e surgem muitos trabalhos com orientações diversas (dísparas até), mas também confusão, especialmente na tentativa de relacionar estudos mais tradicionais com o novo paradigma.

Em primeiro lugar é importante compreender que:

a) O conceito de Tradição Discursiva, doravante TD, nasce dentro da linguística alemã, especialmente dentro da linguística românica.

b) A maioria dos romanistas alemães aceita como fundamental a distinção coseriana entre três níveis do falar (Cf. COSERIU, 1982), três aspectos da atividade linguística cuja diferenciação é considerada requisito prévio para qualquer questão do estudo da linguagem;

Em segundo lugar e, tomando como singulares alguns dos postulados coserianos sobre o ato da fala, distinguir entre os níveis do falar:

a) O nível do falar em geral, que é comum a todos os seres humanos e anterior à diferenciação babélica das línguas; aqui encontra-se o dispositivo geral

do homem para falar, para comunicar-se por meio de signos linguísticos que *designam* o mundo da experiência;

b) O segundo nível é o histórico, das *línguas* como sistemas de significação historicamente dados, atualizados;

c) No terceiro nível, em *textos* ou discursos concretos.

Assim, no nível inicial, a atividade linguística é tida como universal e os signos (de uma língua) são os elementos que dão ao mundo sua *designação* (objetos, concepções). Tais signos criam uma visão particular do mundo designado, a partir de significados próprios e atualizados (por indivíduos) com finalidades e *sentidos* particulares.

Os três níveis estão concomitantes interligados quando se fala e unicamente se podem derivar a partir de atos concretos, já que não se pode falar “universalmente” sem falar uma *língua* e sem produzir *textos*, e não se pode falar uma língua como sistema de signos sem que seja mediante textos. O conceito de Tradição Discursiva parte dessa classificação, ampliando-a e precisando alguns aspectos não contidos nela.

Foi ao longo dos anos 80 do século passado, que se estudava, desde diferentes perspectivas, a importância da distinção entre linguagem oral e linguagem escrita para a linguística empírica, mas também para a teórica.

A origem desses estudos encontra-se na linguística de texto e da pragmática tal como foram concebidas desde os anos 60 e 70.

### 2.3 Os campos de estudo da textualidade

Ao que parece, por volta de 1955, Eugenio Coseriu trabalhou no sentido de dar a conhecer uma especificidade dos estudos linguísticos pertinentes aos níveis do texto e do discurso.

Ao longo dos anos 60, sobretudo na germanística (e em grande parte dos estudos, independentemente dos postulados de Coseriu), começou-se a estudar o texto com as suas particularidades, dando especial atenção aos tipos textuais (“Textsorten”), definidos por Peter Hartmann, em 1964, como “conjuntos de textos compartilhando determinadas características”.

Nos anos seguintes, diferentes campos no estudo da textualidade foram identificados:

a) Em primeiro lugar, considera-se a textualidade a partir dos elementos linguísticos que aparecem em cada texto, sobretudo elementos sintáticos e lexicais (p. ex., em uma previsão de tempo aparecerão outras formas verbais e outro tipo de frases do que em uma crônica ou em um tratado filosófico);

b) Em segundo lugar, descreve-se a textualidade desde o conteúdo, diferenciando entre a microestrutura e a macroestrutura assim como padrões gerais (textos descritivos, técnicos, etc);

c) Em terceiro lugar, considera-se o texto pela sua inserção situacional. No caso extremo, afirma-se até que um tipo bem determinado de situação define um tipo bem determinado de texto;

d) Em quarto lugar, considera-se o texto desde a sua função ou finalidade comunicativa, derivada da sua ilocução dominante.

Agora, precisamente por essa relação entre as TD e os gêneros, tem-se entendido em alguns trabalhos como sinônima a noção de TD com a de gênero. Mas se fosse assim, o próprio termo TD não seria mais do que um substituto para algo já estudado à exaustão pela linguística de texto.

É com base em tais considerações que buscamos, a seguir, interagir com o gênero instrucional e suas variações.

#### **4. Texto instrucional**

O texto instrucional ou prescritivo, grosso modo, parece ter a função de ensinar a fazer algo. Em particular, ensinar a usar algum equipamento ou produto.

No entanto, é possível observar uma gradação do que se considera instrução/prescrição como peculiares ao texto instrucional. A orientação prescritiva pode estar subentendida ou mesmo diluída no intertexto e implica, do ponto de vista de quem interage com o texto, a necessidade de uma nova leitura, dada a função intertextual dos gêneros, como será demonstrado posteriormente.

#### 4.1 Características e as primeiras análises

O texto instrucional, comumente, é caracterizado por sua forma composicional em duas partes distintas: uma contém a lista dos elementos a serem utilizados; a outra desenvolve as instruções (modo de fazer), como, por exemplo, receitas de culinária. Há um traço comum aos vários estilos nos quais a instrução é veiculada no texto instrucional para a receita.

As listas são semelhantes, em sua construção, às que usamos habitualmente para fazer compras. Apresentam substantivos acompanhados de numerais, dentre outros elementos, figurativos, até.

Por seu turno, os verbos estão quase sempre no imperativo (misture, junte, acrescente, etc.) ou, por outro lado, estão compondo o texto verbos marcados na forma infinitiva (segurar, colocar, misturar, juntar, acrescentar, dentre outros).



Ex.: 1

(Cf. textos instrucionais marilda-cantinhodasatividades.blogspot.com)

Do ponto de vista da TD a receita pode ser representativa de um gênero instrucional. Porém, se comparássemos o texto como ilustrado aqui com outro de

mesmo gênero editado em jornal do século XIX, certamente a forma composicional do mesmo não seria a mesma. Manteria, sim, uma série de regularidades funcionais para atender aos elementos históricos e sócio-culturais do que se convencionalizou chamar receita.

Os textos instrucionais mais corriqueiros estão nos guias instrucionais de aparelhos eletro e eletrônicos, manuais de automóveis, folhetos de campanhas contra epidemias, dentre outros. Cada qual com um grau maior ou menor de complexidade constitutiva e lingüística, mas sempre observadas as suas características singulares, o que os fazem ser identificados como tais.

As histórias cotidianas estão repletas de condicionadores instrutivos, manifestado pelos sujeitos que atuam ou interagem com o mundo e com outros sujeitos na construção de sentidos, manutenção de estatus, crenças, valores. Em fim, manutenção das regularidades e das representações cotidianas por meio dos gêneros instrucionais.

A percepção dessa condição repousa na experiência inferencial do convívio familiar. Consideramos aqui, um primeiro grau de instrução em gênero primário (a fala), a partir da qual conceitos e formulações de certo, errado, adequado ou inadequado são perceptíveis e absorvidos de acordo com a vivência cultural. É, por exemplo, a mãe (ou algum outro familiar) que estabelece o contato instrucional pela demonstração de relações do que se deve e como se deve proceder para, lavar o corpo, subir, descer, andar, falar, dentre outros.

Esses modos de agir estão cristalizados nas culturas e são, até hoje, manifestados em termos de gêneros instrucionais, por vezes facilmente perceptíveis e observáveis, por vezes dissimulados em outros gêneros.

Ao término da leitura de uma fábula, ou mesmo da ação dos adultos em contar histórias, existe, mesmo que figurativamente, um “moral da história”, no qual e do qual emerge um “texto instrucional” para mostrar, ao menos, o certo em detrimento do errado e, portanto, um modo de proceder/agir.

Por outro lado, existem múltiplas formas nas quais a instrução transita de forma inconsciente e, em outros casos, do modo mais manipulável e laborioso possível para causar determinado efeito de sentido. Sobre tais questões discutíramos a seguir.

#### 4.1.1 Aspectos menos gerais do gênero instrucional

A observação nos tem dado garantias de que existem construções com gêneros instrucionais bem peculiares. Melhor dizendo, textos instrucionais que parecem subverter as principais categorias de gênero, inclusive, pela apropriação de um gênero por outro para causar um determinado sentido.

No ano de 1991, a Revista ISTOÉ publicou uma série de pequenos textos de propaganda para o jornal Folha de São Paulo, nos quais a agência de propaganda empregou gêneros textuais de ordem não instrucional, porém, com conteúdo instrucional inferido a partir de um discurso inferencial (ou, ao menos, uma indicação sutil de uma espécie de interdito).

No gênero textual ao qual nos referimos, certamente, um adulto usou a forma composicional de uma redação escolar, inclusive, com marca escrita imitativa a de um aluno de uma série inicial, abordando o tema Minhas Férias. No texto o suposto aluno reclama do tipo repetido de tema que a professora sempre pedia no início do ano. Cobra reciclagem da educadora, criatividade, dentro outros elementos do cotidiano educacional.

É, na verdade, uma propaganda e, ao término da sua leitura é possível inferir que o aluno (na verdade, autor da propaganda) tenha transmutado o gênero propaganda para instrucional (recado aos educadores). Os implicadores da Tradição Discursiva para a forma composicional da propaganda é bem definida em cada época da história.

Assim, a demonstração comparativa do gênero instrucional de uma época e de outra não modifica, pela atualidade da linguagem, ou pela utilização de mecanismos de animação, a sua característica fundamental, de servir a instrução.

Muito embora Maingueneau (1991, p. 26) não trabalhe com tipologias textuais admite um certo grau de relações funcionais (discurso jurídico, religioso) e formais (discurso narrativo, expositivo, argumentativo): o arquivo com função globalizante.

Alguns desses gêneros instrucionais estão permeados de uma forma de linguagem com conotações semânticas preventivas (gênero instrucional com incidência preventiva). Assim, vejamos o gênero textuais instrucional, como compilado e desenvolvido a partir da série *Dicas para o primeiro voo com a GOL*, aqui citado na íntegra, a saber:

Ex.: 2. Hora de voar

“Agora que você já comprou a sua passagem, realizou o check-in e está na sala de embarque, chegou a hora de voar para o seu destino. Talvez este seja o momento de maior tensão para quem tem a sua primeira experiência a bordo. Mas com as nossas dicas você vai perceber que voar é muito bom e, seguindo algumas regrinhas básicas, é possível evitar qualquer desconforto lá nas alturas.

Veja abaixo algumas recomendações que preparamos para você aproveitar ao máximo o voo:

1. Ainda antes de entrar na aeronave, verifique o número da poltrona indicada no seu bilhete de embarque;
2. Assim que chegar à sua poltrona, caso tenha bagagem de mão, acomode-as no compartimento superior ou no espaço embaixo do assento;
3. Preste atenção às instruções de segurança demonstradas pela tripulação e nos folhetos disponíveis a bordo;
4. Mantenha seu cinto confortavelmente afivelado durante todo o voo;
5. Use roupas e calçados confortáveis;
6. Mantenha-se hidratado para compensar o desconforto gerado pela baixa umidade da cabine;
7. Procure alimentar-se moderadamente;
8. Como em uma viagem de barco, trem ou carro, viagens de avião podem causar enjôos e náusea ao passageiro. Medidas como relaxar e respirar pausadamente o ajudarão a superar este desconforto;
9. Caso sinta pressão ou dor no ouvido, atitudes simples como mascar chicletes, bocejar ou ingerir líquidos podem aliviar a dor. Persistindo o mal-estar, chame um membro da tripulação;
10. Procure deixar espaço embaixo de seu assento e na frente do mesmo para que seja possível esticar as pernas;
11. Lembre-se que não é permitido fumar a bordo, e em aeroportos, verifique os avisos de “Não Fumar” e as áreas permitidas;
12. Caso não se sinta bem, não hesite em chamar algum membro da tripulação para ajuda. Todos os tripulantes da GOL são treinados para atender as necessidades dos passageiros durante o voo.

No último post da série você acompanhará o passo a passo do desembarque e tudo sobre a sua bagagem. Até lá!”(Cf. <http://www.voegol.com.br>).

O gênero instrucional aqui compõe, no que se refere aos princípios da Tradição Discursiva, um princípio de transgressão se comparado à forma original e cristalizada de instrução.

Os textos (conjuntos de enunciados obedecendo a certas condições de organização) são formulados sempre dentro de uma moldura institucional que estabelece balizas para a sua enunciação; eles refletem, de algum modo, as características históricas da sociedade onde circulam, e de que são marcos e documentos – refletem, pois, valores, convicções, crenças e conflitos (Cf. FURLANETTO, 1995).

Em princípio, o gênero é iniciado por uma espécie de texto mediador, no qual são dadas informações confirmatórias de um ato instituído anteriormente e, do qual, o gênero instrucional que se segue, é uma condição. Confrontado com o mesmo gênero na TD, a lista tradicional foi substituída por uma lista do que já foi realizado (pelo usuário do serviço aéreo).

As formas verbais imperativas tradicionais estão atenuadas pelo uso de elementos pré-textuais de reforço (*Ainda antes de entrar na aeronave... caso tenha bagagem de mão...* dentre outras) e, assim, o imperativo parece um convite ao deleite. Mesmos os riscos graves inerentes ao processo da viagem (e ao viajante) estão marcados nos itens de 4 a 9.

A base instrucional parece manter-se a mesma, variando os elementos de composição do gênero, quem sabe, para não causar medo ou pânico.

A mesma referência é encontrada nos folhetos instrucionais destinados a certos pacientes em postos de saúde, hospitais, clínicas. Consideram o grau de informação que o paciente deveria ter para interpretar adequadamente os sentidos contidos no gênero instrucional específico, por exemplo, para diabéticos, hemofílicos, dentre outros. Um problema parece residir, neste caso, entre os elaboradores e os usuários, que nem sempre interpretam adequadamente as informações compiladas como instrução.

A estrutura gramatical de ordem composicional de cartazes podem, em graus de adequação situacional, serem considerados instrucionais e até, representações estigmatizadas inferidas em uma época da história, com significação peculiar.

As máquinas de transações bancárias matem, igualmente, com seus usuários potenciais, um grau de complexidade interacional. Nessa interação o gênero textual implicado é o instrucional. Inicia-se no processo de construção interativa a partir do hipertexto e, com ele, os procedimentos instrucionais (coloque o cartão, digite a senha, escolha a operação, etc) são manifestados.

No Governo Militar, a partir da década de 60 a propaganda política, como demonstrado no exemplo 3, foi amplamente empregada, quando o então Presidente E. G. Medici, estava no poder.

O texto original mantinha, ao lado da bandeira nacional, o enunciado “Brasil: ame-o ou deixe-o”. A instrução governamental era a de que quem não gostasse de estar no Brasil deveria sair, deixá-lo. Os motivos justificadores estariam no cabedal de memória histórica do brasileiro que vivenciou, ou tomou conhecimento, dos fatos inerentes ao período da chamada ditadura militar.

Aqui, o autor da charge transgrediu o contexto original da instrução governamental da época e, fazendo menção a uma forma textualizada e estilizada do instrumental de propaganda do então governo, deu conotação de equivalência popular para o uso lingüístico (e estilístico) do nome Medici (como na expressão “me disse”). Há, portanto, um nível de processamento de sentido no qual um sujeito parece ter interagido com o Governo Medici, que disse Brasil, ame-o ou deixe-o.

Ex.: 3 **O GOVERNO MEDICI**



O slogan estruturado no imperativo o gênero instrucional aqui inferido “permite”, a partir dos arquivos dos leitores, observar a instrução normativa instaurada na época.

Por sua vez é importante ressaltar que a Tradição Discursiva, em tal contexto, reclama para a interpretação do elemento referencial textual a vinculação do mesmo com a sua história. Portanto, pode ser facilmente compreendido em função de ser lido por um representante usuário da língua que

vivenciou tal período ou mesmo, teve acesso as informações sobre fatos da história nacional. Não é o mesmo que possivelmente pode inferir o usuário descontextualizado.

Assim, podemos considerar que todo e qualquer texto (e seu gênero específico) matem um grau de instrucionalidade ou mesmo, de inclusão, em si, do gênero instrucional. Um prefácio, um comentário de uma edição especial, dentre outros, podem servir para ilustrar como o gênero instrucional está “infiltrado” nas tradições cotidianas e compilações humanas de manutenção e difusão do saber.

## 5. Conclusão

A composição que aqui começamos a dar um contorno conclusivo, foi pensada para dar a conhecer o que, de fato, poderia ser inferida com vistas ao tratamento dado ao gênero instrucional e, de certo, com ancoragem em pressupostos da Tradição Discursiva.

Ao que parece, a condição humana manifesta a veiculação de informações através de elementos nos quais os discursos circulam. Fazer significar implica fazer com que o significado seja, grosso modo, compreendido em termos do que a cultura autoriza. Desse pensamento, inferir ser o gênero instrucional um dos mecanismos pertinentes e essenciais ao princípio mantenedor de um certo grau de linearidade nas condições de instrução, implica pensar nele (gênero instrucional) de modo tão antigo quanto a história humana em si.

Tentamos demonstrar que a instrução é um modo peculiar ao humano, independente de essa instrução esteja sendo conhecida a partir de um instrumento primário ou secundário de instrução (gênero). De fato, consideramos que o gênero instrucional está, como que, impregnando outros gêneros e formas de compilação do saber. Mesmo um livro de filosofia, de matemática, de teoria espiritual nos autoriza dizer que neles existe um modo de proceder que orienta ao leitor ou, num nível sutil de instrucionalidade, a um modo de proceder para que tal e qual texto seja melhor compreendido.

A condição humana é manifestada em modos de fazer e, portanto, elementos instrucionais materializados em termos de textos/discursos (gêneros) ou qual seja, são princípios de ordenação dos modos ritualizados (e por vezes

estilizados) dos modos como organizamos o mundo que nos é apresentado e como autorizamos que os outros o compreendam.

Seria possível transgredir ou mudando os modos de fazer, fazemos o velho novo? Não saberemos responder, ao menos de imediato. É possível que a leitura seja feita a partir de um componente hipertextual, mas estará sempre mantendo com a sua Tradição Discursiva um modelo linear que perpassa os tempos e, de algum modo se transforma, mas mantém-se único.

### Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

COSERIU, E. (1994): **Textlinguistik. Eine Einführung, 3a ed. revisada, Tübingen**, Francke, 1994 (Tübingen, Narr, 1982).

FREEDMAN, A. e MEDWAY, P. **Locating Genre Studies: Antecedents and Prospects**. In: *Genre and the New Rethoric*. London: Taylor & Francis, 1994.

FURLANETTO, M. M. **Gênero discursivo, tipo textual e expressividade**. UFSC: Florianópolis, 1995.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1979.

HENRIQUES, C. C.. **Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel machado e Maria auxiliadora Bezerra (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SWALES, J. M. **Genre analysis. English in academic and research settings**. Cambridge University Press: Cambridge, 1990.

**Recebido:** 30/11/2012

**Aceito:** 05/05/2013